

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA ORGANIZAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE BASES DE DADOS

CAVAN MICHAEL MCCARTHY*

RESUMO

As bases de dados tiveram um impacto limitado no Brasil, sendo dominadas por profissionais da área de computação. A nova tecnologia oferece serviços com eficiência em áreas que os bibliotecários não conseguiram ocupar, e pode funcionar sem a participação destes profissionais. A formação do bibliotecário não é adequada à nova situação e muitos vão preferir continuar em suas atividades atuais, junto ao sistema educacional. É necessário oferecer alternativas concretas para os bibliotecários que desejam colaborar na área das bases de dados.

PALAVRAS CHAVES: Bases de dados; Biblioteconomia.

ABSTRACT

In Brazil data bases have had a limited impact and have been dominated by persons trained in computing. The new technology offers efficient services in areas which librarians were not able to serve, and can operate without the participation of librarians. Professional training is not appropriate to the new situation, and many librarians will be content to remain in their present positions, supporting the educational system.

* Ph.D., Professor Adjunto, Departamento de Biblioteconomia, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade, Recife, PE.

tem. Specific alternatives should be made available to librarians who wish to collaborate with data bases.

KEY WORDS: , Data bases; Librarianship.

1. INTRODUÇÃO

Para mim, o ano de 1986 constitui uma ocasião apropriada para refletir sobre o impacto das bases de dados na Biblioteconomia. Dez anos atrás, nos Estados Unidos, estudei a utilização "on line" de dados bibliográficos. Naquele tempo, mesmo nos Estados Unidos, cursos desta natureza ainda eram raros; hoje constituem elementos essenciais do treinamento do futuro bibliotecário. A aplicação de grandes computadores a base de dados produziu uma área de atividade completamente nova para as profissões informacionais, proporcionou novos serviços ao usuário e modificou substancialmente os métodos de trabalho do pesquisador e do bibliotecário. O computador é comumente criticado por destruir empregos, mas neste caso uma nova área de atividades foi criada. Começando de forma modesta, dez anos atrás, uma nova indústria surgiu, agrupando milhares de bibliotecários, indexadores, analistas de sistemas e especialistas nos países industrializados.

2. A SITUAÇÃO BRASILEIRA

Pessoalmente, não passei estes dez anos no exterior, mas no Brasil, onde o impacto das bases de dados tem sido muito mais limitado. Uma comparação pode ser feita entre os diretórios de bases de dados nos Estados Unidos e no Brasil. O principal guia das bases de dados norte

americanos, emitido por Cuadra (7) incluía, na sua última versão, 2.760 bases de dados disponíveis para o público, e acusava um crescimento de 24% ao ano. A assinatura anual é de US\$ 95,00 e o diretório é tão grande que logo deveria estar disponível em linha, como mais uma base de dados. A publicação equivalente para o Brasil saiu como suplemento a uma revista mensal de computação. (4) Acusava a presença de 150 bases de dados, incluindo algumas que não são disponíveis ao público em geral. Acesso a bases de dados no exterior existe, mas a procura é baixa. Juntando todas as pesquisas feitas no Brasil nas principais bases estrangeiras, totaliza-se aproximadamente duas horas de pesquisa por dia. (15) As universidades quase não utilizam esta modalidade.

Os eternos problemas de infraestrutura e recursos são conhecidos por todos: técnicos e pesquisadores não são acostumados a procurar, utilizar e pagar pela informação; bibliotecas não têm recursos para instalar terminais e pagar bases de dados e teleprocessamento. Serviços desta natureza têm importância limitada num país onde uma proporção significativa da população está condenada a permanecer analfabeta. A utilização de bases de dados no exterior implica em dependência e muitas bases estrangeiras são de relevância limitada para o Brasil. Sua utilização resulta em custos de teleprocessamento relativamente altos, enquanto os documentos originais são de difícil acesso. Um fator adicional seria a falta de participação de bibliotecários na área das bases de dados.

Agradeço o convite de participar desta mesa redonda, porque isso me permite levantar reflexões que dificilmente poderiam ser abordadas em situações mais estruturadas. Cinco anos atrás escrevi, em trabalho apresentado perante

outro congresso:

"... existe o perigo de que as áreas mais quentes, os campos onde irão ocorrer, em futuro próximo, grande expansão, serão invadidas por outras áreas... Um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais latino-americanos neste momento histórico é, justamente, conseguir se estabelecer como profissionais não somente de bibliotecas mas também de bases de dados... Caso contrário, corremos o risco de ficar com o caroço da nossa profissão, enquanto outros saboreiam a fruta." (11)

Escrevi estas linhas porque notei que no Brasil os profissionais da computação tinham tomado a dianteira na montagem e utilização de bases de dados. No exterior, os bibliotecários estimulavam a criação de bases de dados, se responsabilizavam para as buscas e orientavam a análise e registro de informação. Uma proporção elevada de pesquisadores em bases de dados foi formada por bibliotecários do setor de referência, acostumados a procurar informação. As próprias bibliotecas e centros de documentação rapidamente tornaram-se canais importantes para o encaminhamento de pesquisas.

No Brasil, o quadro foi totalmente diferente. A profissão de bibliotecário gozava de um conceito pouco elevado, representando as tradições e a preservação da cultura do passado. Os analistas de sistemas, do outro lado, foram vistos como pessoas dinâmicas e de alto prestígio que tinham como objetivo implantar a modernização no Brasil. Eles começaram a montar bases de dados e conduzir pesquisas interativas. Era comum encontrar sistemas bibliográficos ela-

borados sem referência a um bibliotecário. Ao lembrar a necessidade de incorporar o bibliotecário neste trabalho, era frequente ser informado que o sistema estava tentando evitar "aquele tipo de atitude". Fiquei chocado ao encontrar um sistema de DSI de grande porte, montado sem oferecer aos usuários acesso ao documento original. Nunca esqueço o analista de sistemas, responsável para pesquisas em bases de dados, que considerava desnecessário participar de uma palestra oferecida por um bibliotecário estrangeiro sobre bases de dados, porque já tinha lido o manual.

Seria bom afirmar que a situação já foi modificada. Infelizmente, vejo poucos sinais de melhoria. Ainda continua comum lançar fontes bibliográficas obviamente montadas sem a participação de bibliotecários. Houve uma tentativa de declarar o gerenciamento de bases de dados atividade privativa de analistas de sistemas. Um congresso internacional sobre bases de dados em ciência e tecnologia simplesmente não procurou a participação de bibliotecários. Nem na cidade onde o evento foi sediado, nenhum bibliotecário foi informado do congresso ou convidado para participar.

A EMBRATEL conduziu uma extensa campanha publicitária, apresentando as bases de dados como meio de "chegar já às grandes metas nacionais". (5) Vários ~~sistemas bibliográficos~~ foram citados, mas era necessário usar uma lupa para encontrar a palavra "biblioteca" no anúncio.

Um catálogo das bases de dados brasileiros foi citado acima. (4) O número total de bases, 150, é razoável para condições brasileiras, mas menos de vinte veiculam dados bibliográficos. A maioria é disponível através de serviços com baixa penetração em bibliotecas,

tais como Videotexto ou Cirandão.

Um sistema bibliográfico brasileiro; recentemente demonstrado, consegue recuperar, com seis caracteres e duas telas, o que "Dialog" recupera em uma tela com dois caracteres. O analista responsável explicou, orgulhosamente, que o sistema tinha sido vendido para o governo federal.

Os próprios bibliotecários, deveríamos reconhecer, pouco se esforçavam para melhorar a situação. São raras as informações sobre bibliotecários que empenham esforços sistemáticos no sentido de divulgar a utilização de bases de dados entre seus usuários. Existem vários grupos que poderiam oferecer um mercado potencial para serviços desta natureza: estudantes de pós-graduação, professores universitários, em presas de médio porte. Não se conhece tentativas de abrir este mercado; ao contrário, uma política de preços elevados impossibilita a utilização de bases de dados no exterior por estudantes. Os próprios professores também enfrentam dificuldades; fazer uma pesquisa e buscar dez cópias xerox do exterior implica em custos da ordem de talvez US\$60,00, ou seja, aproximadamente dez por cento da renda líquida mensal de um professor universitário.

3. AS BIBLIOTECAS E AS BASES DE DADOS

As bibliotecas existem porque oferecem uma solução prática para comunidades que precisam ter acesso a quantidades significativas de informação. As bases de dados oferecem uma solução alternativa ao mesmo problema e, em determinados casos, funcionam com maior eficiência.

Teoricamente, sempre era possível entrar numa biblioteca e solicitar uma pesquisa sobre um assunto complexo. Na prática, os usuários ra-

ramente utilizaram este procedimento, porque não havia bibliotecários suficientes para processar pesquisas sofisticadas. As fontes bibliográficas, tais como índices e resumos, eram limitadas e de manuseio lento, enquanto a datilografia dos resultados constituía uma tarefa onerosa. Mas sistemas de consulta a bases de dados solucionam a maioria destes problemas: as pesquisas são rápidas e contam com recursos sofisticados, os arquivos contêm centenas de milhares de entradas e o próprio computador imprime os resultados. As bases de dados oferecem uma solução eficiente para uma área que era do bibliotecário, mas que este profissional nunca conseguiu ocupar adequadamente.

Observa-se também que as bibliotecas não gozam de nenhuma função garantida, na divulgação de informação através de bases de dados. Isso é claro com os sistemas de disseminação seletiva de informação, que funcionam satisfatoriamente através do correio, encaminhando listagens mensais de referências, recebendo solicitações de documentos originais e distribuindo cópias xerox. Precisa-se um acervo central dos documentos analisados pelo sistema, mas as coleções locais só tem importância enquanto elas concorrem com o serviço central na entrega do documento original.

Antigamente o bibliotecário brasileiro tinha um virtual monopólio sobre informação estatística, divulgada através de anuários e periódicos, em coleções de volumes de grande porte, difíceis de organizar e manter atualizadas. Recentemente o IBGE colocou seus recursos estatísticos ao dispor do público através de bancos de dados em linha, permitindo acesso por telex (3). Esta iniciativa, de grande valor para o país, cria uma situação onde a biblioteca é simplesmente uma de duas possíveis fontes de dados

estatísticos. Para o técnico, podem existir vantagens em apresentar uma listagem conseguida pelo telex: demonstra familiarização com a nova tecnologia e dá impressão de maior atualização, em relação à cópia xerox de um anuário. O mesmo técnico pode gravar dados diretamente, em fita magnética ou diskete para posterior manipulação, uma vantagem que a biblioteca nunca pode oferecer.

Sistemas de informação por telefone também merecem atenção. O princípio é simples: o cidadão faz uma chamada gratuita através de ouro ou outro telefone, entrando em contato com um atendente. O cidadão faz sua pergunta, o atendente coloca os dados apropriados num terminal de computador e lê a resposta da tela. As informações são geralmente ligadas a problemas municipais, serviços públicos, etc., mas estes sistemas podem divulgar qualquer informação. Também funcionam interativamente, recebendo e encaminhando sugestões e queixas da comunidade. Um destes sistemas já funciona há vários anos no Distrito Federal, e outro, de grande porte, deveria estar implantado no Estado do Rio de Janeiro ainda neste ano. (6) A situação tem semelhanças com as bases de dados. O produto oferecido (bibliografias especializadas; informação para o cidadão) constitui um produto da área de responsabilidade do bibliotecário, mas que este profissional nunca conseguiu oferecer sistematicamente aos usuários em potencial. A tecnologia moderna permite a divulgação destas informações com uma eficiência com a qual o bibliotecário difficilmente pode concorrer e, sem a participação deste profissional. Para utilizar um sistema de informação por telefone, não é necessário ir até uma biblioteca, nem necessário comprar uma ficha ou saber ler. O sistema tem confiabilidade, porque dois interlocutores deveriam receber a mesma resposta; o custo operacional de-

veria ser baixo e o sistema aceita e encaminha queixas e sugestões, uma vantagem que não é oferecida por nenhuma biblioteca.

4. PESQUISA DIRETA PELO USUÁRIO

A pesquisa direta em bases de dados bibliográficos (end-user searching) já estabeleceu-se como prática corrente na América do Norte e Europa. O tipo de profissional que poderia tirar proveito de uma pesquisa numa base de dados bibliográficos frequentemente tem equipamento (microcomputador, modem, impressor) suficiente em casa para permitir a utilização de uma base de dados. Provavelmente já utiliza um computador localizado a uma distância, ou participa de um "Computer Bulletin Board System". (O termo inglês é frequentemente empregado no Brasil. (2) "Sistema de conferência eletrônica" talvez sirva como equivalente português). Um serviço nacional, "Compuserve", oferece a possibilidade de conferência eletrônica em mais de cem áreas, informação para o consumidor e correio eletrônico; atualmente atende mais de 175.000 norte-americanos. (10) Um serviço semelhante, "The Source", operado pelo "Readers Digest", tem 61.000 assinantes e permite até investimento eletrônico. O investidor sério, aliás, seria incluído entre os 185.000 ^{usuários} assinantes da informação financeira do "Dow Jones". Pesquisas em sistemas bibliográficos não representam problemas para pessoas acostumadas a estes sistemas. Nos Estados Unidos, republicam artigos sobre a utilização da maior agência de bases de dados bibliográficos, "Dialog", com 70.000 assinantes. (9) Na Inglaterra, estas pessoas são orientadas através das páginas sobre micro-informática nos jornais diários; as estatísticas atualizadas citadas neste parágrafo foram publicadas no "Guardian". (12)

Sem a necessidade de explicar a pesquisa a um bibliotecário, com a vantagem de poder avaliar imediatamente os resultados preliminares da sua busca, um indivíduo pode conduzir pesquisas com rapidez. Limitando-se a uma ou duas fontes mais relevantes evita-se os problemas decorrentes das variações na organização interna das bases. Pessoalmente, não acredito que a pesquisa direta venha a tornar desnecessário o bibliotecário como "interface" entre o sistema e o usuário; num centro de documentação convencional, algumas pessoas sempre utilizam o acervo diretamente, enquanto outras sempre pedem assistência. Certos grupos (estudantes, usuários ocasionais) continuarão dependentes do intermediário para suas pesquisas. No Brasil o problema permanece no plano teórico, aparentemente. Pesquisa direta pelo usuário é raramente discutida. A única vez que o assunto foi levantado na minha presença foi como justificativa para não convidar bibliotecários para um congresso sobre sistemas automatizados, em incidente citado acima. A médio prazo, aliás, a situação poderá se tornar séria; as bibliotecas ainda não se firmaram como intermediários para bases de dados, enquanto usuários em potencial estão recebendo sua informação diretamente, através do Cirandão. A velha história: um campo que deveria ser dos bibliotecários está sendo perdido, antes de ser devidamente ocupado.

5. FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Quando um bibliotecário brasileiro tenta utilizar bases de dados sistematicamente, surge uma outra dificuldade, decorrente da sua formação acadêmica. As bases de dados oferecem informação detalhada em resposta a perguntas específicas e exigem um conhecimento profundo do vocabulário do assunto pesquisado. Na maioria dos

casos, a pesquisa será conduzida através da língua inglesa, acrescentando um nível adicional de dificuldade. O bibliotecário brasileiro tem uma formação nitidamente generalista e a maioria só acumula conhecimentos específicos depois de vários anos de experiência numa biblioteca especializada. Na seleção de pessoal para montar e alimentar bases de dados, surgem constrangimentos semelhantes. O bibliotecário deveria oferecer conhecimentos e experiência apropriadas sobre análise de documentos, indexação, tesouros, etc., mas difficilmente terá uma compreensão adequada do assunto específico da base de dados.

Em outras partes do mundo o bibliotecário enfrenta esta situação munido de instrumentos educacionais mais apropriados, completando, primeiro, um curso em nível de bacharel na área da sua preferência, para cursar em seguida pós-graduação em biblioteconomia. Para uma pessoa que pretende desempenhar funções junto a bases de dados, tal formação é mais adequada do que o bacharelado em biblioteconomia, porque proporciona uma sólida base de conhecimentos especializados. O estudante chega ao curso de biblioteconomia já maduro e visualiza suas práticas não com uma série de regras sem nexos, mas como um canal para veicular as informações recebidas no curso de graduação. O bibliotecário formado por este caminho tem mais autoconfiança, porque cur sou graduação em igualdade com outros especialistas.

Mas a última modificação do currículo de biblioteconomia tinha o objetivo de melhorar o embasamento geral do bibliotecário, não de produzir especialistas. São notórias as pressões para manter a biblioteconomia como profissão privativa dos portadores do diploma de bacharel. Parece que não existe, atualmente no Brasil, pro

fissão onde o exercício é garantido por diploma de pós-graduação. Profissionais de outras áreas demonstram pouco interesse em cursar pós-graduação em biblioteconomia, especialmente quando descobrem que este diploma não lhes concede o registro profissional. Cada ano que passa torna o curso de biblioteconomia menos atraente para candidatos deste tipo, porque as mudanças no mundo externo são refletidas com lentidão em nossos currículos. Alguns anos atrás na Inglaterra a Associação de Bibliotecários discutiu demoradamente o registro profissional de especialistas que trabalhavam em bibliotecas e centros de documentação. Quando, finalmente, foi concedido, poucos especialistas aproveitaram a oportunidade, por considerar que o registro naquela associação oferecia poucas vantagens.

Nos Estados Unidos tornou-se difícil encontrar uma Escola de Biblioteconomia; quase todas agora se chamam "Graduate School of Library and Information Science" ou algo semelhante. Na Inglaterra, a mais que centenária "Library Association" está postulando uma mudança de nome, para "Library and Information Association". Nestes países existe procura para treinamento nesta área; diplomas com a palavra "informação" são vistos como valiosos por estudantes e empregadores e as instituições respondem à pressão do mercado. Este processo é especialmente visível nos Estados Unidos, onde o estudante paga caro para seu curso e exige um treinamento e diploma que lhe proporcionarão benefícios diretamente relacionados ao seu investimento de tempo e dinheiro. Em muitos estados os estudantes podem escolher entre vários cursos e uma escola que não consegue estudantes é fechada, enquanto os professores procuram outros empregos. Este cenário não é hipotético, porque algumas escolas fecharam nos últimos anos nos Estados Unidos, enquanto outras sobreviveram somente ao custo de

mudanças radicais. No Brasil a situação é bastante diferente; o estudante paga pouco para sua educação e exige menos; cada escola, de modo geral, tem monopólio sobre uma determinada área geográfica e o fechamento de um curso seria um acontecimento inusitado. Mesmo se vem a ocorrer, implicaria em danos limitados para os professores, os quais seriam, presumivelmente, recambiados para trabalhar na biblioteca de sua universidade. Nestas condições é provável que as modificações no curso de biblioteconomia continuarão lentas e que as necessidades do mercado terão um impacto reduzido.

6. RECURSOS HUMANOS PARA A REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

A "revolução informacional" coloca quantidades cada vez maiores de dados ao alcance do usuário. Poucos anos atrás, um analista estava orgulhoso em trabalhar com um computador de grande porte com alguns megabytes de memória; hoje qualquer disco tipo "Winchester", vendido como memória adicional para um microcomputador, oferece a mesma capacidade. Entradas em bases de dados são contadas em milhões, e as próprias bases em milhares. Um usuário de micro rapidamente abre dezenas, talvez centenas, de pequenos arquivos, identificados por códigos facilmente compreensíveis até para o dono do micro. A fusão de micros em redes locais permite outros usuários acesso a estes arquivos, multiplicando o problema. O último ovo de Colombo da área das bases de dados é o disco compacto, barato e fácil de utilizar, com capacidade de armazenar milhões de caracteres. (1) Este, conforme alguns comentadores, constitui o desenvolvimento que colocará as atuais bases de dados interativas numa situação secundária, servindo de atualização para o disco compacto. Observa-se que o

Brasil ainda não absorveu a tecnologia das bases de dados, enquanto estas já estão começando a ficar ultrapassadas. Se o disco compacto realmente oferece cinco enciclopédias juntas, com capacidade para texto, ilustrações, filmes, música e narração, quem vai organizar esta informação? A organização da informação nesta escala levanta problemas extremamente complexos. Até que ponto a indexação por entradas alfabéticas ou descritores poderá controlar esta enchente informacional? As classificações do conhecimento são suficientemente desenvolvidas para permitir seu uso? A indexação automática vai, finalmente, sair da fase de pesquisa? Um campo de atividade inteiramente novo e de grande potencial está sendo criado, mas quem são os profissionais que vão trabalhar nesta nova fronteira? Podemos distinguir quatro grupos diferentes. Pessoas da área de computação certamente terão boas oportunidades, porque serão essenciais no manuseio do equipamento, e podem estender seus interesses até a organização intelectual da informação. Neste ponto, aliás, o maior empecilho surge da parte dos próprios analistas, os quais se interessam mais nos elementos técnicos da informação. O segundo grupo inclui os especialistas em áreas específicas; eles provavelmente permanecerão dentro de sistemas relevantes aos seus conhecimentos. As pessoas com treinamento em Biblioteconomia deveriam ter oportunidades nesta situação, porque receberam treinamento na análise e organização de informação. Mas é difícil saber se os bibliotecários vão aproveitar esta situação ou até que ponto eles são preparados para trabalhar junto a sistemas complexos. O quarto grupo seria formado pelas pessoas que ainda não têm profissão fixa, mas que compreendem a potencialidade da nova situação e tentam progredir na base da iniciativa e experiência prática. Houve uma época no Brasil onde várias pessoas se auto-denominaram "analistas de siste-

mas" e saíram para trabalhar. Hoje isso é impossível, mas qualquer pessoa pode imprimir cartões como "consultor informacional" ou "consultor em bases de dados". Tarefas como organização de sistemas de videotexto são tão novas que escapam à regulamentação. Estes profissionais trabalham na base da experiência; por exemplo, uma pessoa que trabalhou com planilhas financeiras coloca um anúncio classificado, oferecendo montar planilhas Visicalc. A crescente penetração dos microcomputadores, até em organizações de pequeno porte ou em nível departamental, cria muitas oportunidades. Consultores com formação prática, trabalhando em bases de dados, podem oferecer experiência e tentar conseguir resultados, enquanto o bibliotecário se orienta no sentido de funcionar dentro de uma estrutura burocrática. Estas pessoas somente se submeterão a educação formal se foram convencidas do valor do treinamento, em relação ao tempo gasto.

7. A POSIÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Oferecendo reflexões desta natureza, é praxe, neste ponto do argumento, dirigir-se à platéia com uma série de exortações. Análises da utilização de bibliotecas são seguidas por recomendações de utilizar bibliotecas mais. Discussões do valor da leitura terminam com os ouvintes sendo encorajados a ler mais. Reflexões sobre o papel do bibliotecário nas bases de dados levam, normalmente, a considerações do tipo "os bibliotecários deveriam ocupar um espaço que é seu", etc. Considero este tipo de exortação pouco útil para solucionar situações reais, porque se determinadas pessoas deixam de desempenhar uma atividade específica, presumivelmente agem por motivos igualmente específicos.

Examinando a situação do bibliotecário brasileiro, observamos um quadro em que a maio-

ria dos serviços são oferecidos em apoio ao sistema educacional. As bibliotecas universitárias, as mais desenvolvidas, obviamente desempenham este papel; as poucas bibliotecas chamadas públicas raramente atendem a um público adulto ou à procura para leitura geral ou recreativa, sendo utilizadas basicamente por estudantes que não encontram facilidades adequadas nas suas escolas, faculdades ou casas. Isso acontece também nas bibliotecas estaduais e a própria Biblioteca Nacional não está inteiramente livre deste tipo de utilização. Serviços bibliotecários, fora do âmbito educacional, são pouco desenvolvidos no Brasil, onde serviços para empresas, técnicos e outros especialistas demonstram um baixo grau de penetração; estes, aliás, são os serviços que mais utilizam bases de dados. Presumivelmente uma situação onde o esforço principal da biblioteconomia concentra-se dentro do sistema educacional atende às necessidades básicas do país; nota-se fortes semelhanças com outros países chamados do "terceiro mundo". Os participantes em sistemas deste tipo recebem benefícios concretos na forma de empregos estáveis, seguros e razoavelmente bem pagos, e trabalham em condições limpas e dignas sob pressões relativamente brandas. Contribuem para o desenvolvimento nacional através da melhoria dos níveis educacionais, o que permite autorealização. O quadro demonstra estabilidade, visto que não é monolítico, mas oferece, dentro da sua própria estrutura, várias alternativas aos profissionais da área. Existem possibilidades para administração e gerência, em certos casos em organizações de porte significativo. O ensino da Biblioteconomia também oferece uma saída atraente para muitos profissionais. O sistema permite autorealização aos profissionais politizados, os quais podem dedicar-se à informação para os desvantajados ou favelados. Para os profissionais com interesse em análise de informação e na ab-

sonção da nova tecnologia, existe a área de bases de dados, automação de bibliotecas, sistemas microcomputarizados, etc. Outro motivo para a estabilidade do sistema é que nenhum outro grupo deseja concorrer com os bibliotecários na tarefa ingrata de oferecer acesso ao livro, periódico e informação dentro do sistema educacional.

As necessidades informacionais do sistema educacional continuarão pouco sofisticadas, a curto e médio prazo. As bases de dados funcionam sobretudo como veículos de informação especializada e terão, então, relevância limitada no quadro educacional. Visto que os bibliotecários concentram seus esforços justamente naquela área, as bases de dados terão um impacto igualmente limitado sobre a maioria dos profissionais em Biblioteconomia.

8. ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO

Simples exortações não contribuirão para a melhoria desta situação. Exortações no sentido de ler mais ou utilizar bibliotecas mais dificilmente produzem efeitos significativos. O não-leitor ou não-usuário estão inseridos num contexto onde leitura e bibliotecas são pouco utilizadas, considera-se basicamente satisfeito com seus atuais canais informacionais e não procura ativamente modificar este quadro. Reconhecimentos gerais não levam pessoas nesta situação a modificar suas atividades; se elas estivessem insatisfeitas, já tomariam medidas concretas para modificar a situação. No último "Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática" uma participante disse, literalmente: "Mexam-se, bibliotecárias!" (14) Esta exortação não produzirá efeitos significativos. Precisamos identificar atividades específicas que facilitarão este processo e oferecer idéias concretas para melhorar o entrosamento entre as bases de dados e as bibliotecas que têm condições de colaborar

com a nova tecnologia. O processo é simplificado pelo fato de que relativamente poucos bibliotecários ou bibliotecas serão envolvidos.

Seria necessário oferecer treinamento apropriado; os cursos de graduação em biblioteconomia só podem oferecer uma visão muito superficial, deixando os estudos mais profundos para a pós-graduação. Isso sugere uma alternativa interessante para o ensino da tecnologia informacional, a qual seria apresentada em nível de pós-graduação nas escolas existentes. Em alguns casos, algo semelhante já vem acontecendo. O antigo curso em Ciências da Informação do IBICT funciona atualmente como curso de pós-graduação, ligado ao curso de Biblioteconomia da UFRJ. Automação de sistemas e informação tecnológica são apresentadas em cursos de especialização. A tática seria de aprofundar esta tendência, concentrando o estudo de bases de dados, sistemas informacionais, automação de bibliotecas e outras novas tecnologias em cursos de pós-graduação ligados às atuais escolas de Biblioteconomia. As ementas das disciplinas destacariam a terminologia da nova tecnologia, numa tentativa de atrair estudantes de outras áreas. Tal sugestão provocará, sem dúvida, pesadas críticas dos tradicionalistas. Um sistema que conjugue uma Biblioteconomia em nível de graduação, voltada ao controle burocrático do livro, com o ensino da Ciência da Informação em nível de pós-graduação, para analisar e divulgar informação especializada, através da tecnologia computadorizada, será atacado, por certas pessoas, como uma visão truncada da Biblioteconomia. Pessoalmente, eu seria o primeiro a concordar; o problema é que, no Brasil, tal visão provavelmente fica perto da realidade, e seria vantajoso construir com base nesta realidade. Os profissionais de outras áreas que frequentam estes cursos de pós-graduação não terão, oficialmente, o direito de

registrar-se como bibliotecário. Mas espera-se que eles se inscreverão para um treinamento útil que não está sendo oferecido em outro lugar. O problema do registro profissional pode ser deixado para o futuro, na esperança que uma solução surja naturalmente, especialmente sob a pressão de um número crescente de profissionais de outras áreas com esta pós-graduação. Já surgiram tentativas de definir analistas de sistemas como pessoas com diploma de qualquer nível na área. O novo currículo mínimo de Biblioteconomia não inclui "Documentação", enquanto a lei federal garante esta área aos bibliotecários. Isso possivelmente cria outra abertura.

Palavras como "Informação", "Ciência da Informação", "Documentação", etc., deveriam ser incluídas nas designações oficiais de escolas, cursos, revistas, associações, etc., como acontece no exterior. No caso negativo, outros grupos utilizarão o mesmo vocabulário para criar precedentes pouco vantajosos do nosso ponto de vista. O "Noticiário Micrográfico", por exemplo, utiliza o subtítulo "a revista do profissional de gerenciamento da informação e microfilmagem". (13)

Qualquer sistema de bases de dados bibliográficos deveria ser elaborado com a participação da área de Biblioteconomia ou Ciência da Informação. A montagem de bases deste tipo deveria ser um trabalho conjunto, envolvendo pessoas da área de Computação, especialistas nos assuntos cobertos pelo sistema e especialistas em informação bibliográfica. Além de garantir um papel para nossa profissão, isso melhora a normalização entre sistemas e protege os usuários contra a inclusão de elementos que não refletem a tradição de serviço e acesso que distingue os sistemas bibliográficos.

Os bibliotecários precisam esforçar-se

para que as bases de dados utilizem as bibliotecas como intermediários, em lugar de trabalhar diretamente com os usuários. Para isso, paradoxalmente, as bibliotecas precisam divulgar as bases junto às suas instituições, inserindo-se como o elo natural entre os serviços e os usuários. Também precisam oferecer, com eficiência, acesso aos documentos originais, ou diretamente, ou através do COMUT. Cursos na utilização de bases de dados são bastante frequentes e deveriam ser frequentados por bibliotecários.

Uma área importante já foi citada: os serviços para grupos específicos, sobretudo grupos que não têm acesso atualmente às bases de dados. Estudantes de pós-graduação formam o alvo mais óbvio: seria interessante fazer presenças no sentido de conseguir, para qualquer estudante elaborando tese, uma pesquisa em base de dados bibliográficos e algumas cópias xerox de trabalhos relevantes, por um preço nominal. Outros grupos de usuários em potencial incluem professores universitários e gerentes ou técnicos de empresas de médio porte. O sistema de Núcleos de Informação Tecnológica, atualmente sendo montado pelo Ministério da Indústria e do Comércio, oferece um canal apropriado para a veiculação de bases de dados de interesse à indústria. Qualquer biblioteca especializada ou centro de documentação precisa esforçar-se para oferecer bases de dados na sua área aos seus usuários. As atividades da Divisão de Informação de Documentação Científica do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares são exemplares neste respeito. (8) Seria importante oferecer acesso ao Cirandão através de bibliotecas e centros de documentação, enquanto as bibliotecas públicas deveriam oferecer acesso ao Videotexto.

Os bibliotecários podem, também, tomar a iniciativa e montar pequenas bases de dados em ocasiões apropriadas. Sistemas informacionais

para regiões, estados ou comunidades são raros, e seriam bem vistos por uma larga faixa de usuários potenciais. Bibliotecários frequentemente entram em contato com pessoas que gostariam de divulgar suas especializações, mas que não sabem como iniciar o registro e divulgação de informação. Tais oportunidades surgem tanto nas ciências, quanto nas humanidades e ciências sociais, e os sistemas podem ser iniciados manualmente. O microcomputador proporciona uma ferramenta poderosa neste sentido e os bibliotecários interessados deveriam fazer cursos de dBASE II e outros pacotes relevantes. Já temos no Brasil um sistema informacional especializado, para organizações de base e agentes pastorais, montado em microcomputador, pelo IBASE, no Rio de Janeiro.

9. CONCLUSÕES

Os próximos anos verão a formação de uma outra profissão, a dos especialistas em informação. Provavelmente será separada da Biblioteconomia atual, porque dificilmente esta disciplina vai sair radicalmente do seu caminho atual. Talvez teremos duas profissões paralelas, talvez serão superpostas. O relacionamento exato das duas áreas depende dos bibliotecários que desejam colaborar com a nova tecnologia; o potencial existe. Num trabalho anterior, citado no começo destas reflexões, (11) disse que os bibliotecários arriscavam ficar com o caroço da sua profissão, enquanto outros saboreiam a fruta. Hoje considero que a metáfora não foi exata. A maioria dos bibliotecários continuará satisfeita, segurando na estabilidade do caroço, enquanto a fruta será chupada por aqueles que se esforçam em procurar o suco.

10. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARREIRA da luz: disco laser. Veja, São Paulo, (920):74, 23 abril 1986.
2. BOAS, Maria Augusto A.Vilas. Teletex, correio eletrônico e bulletin boards. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, 13(2):205-13, jul./dez. 1985.
3. CARVALHO, Maria Beatriz Pontes de et alii. Banco de dados estatísticos para planejamento e desenvolvimento. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, 13(1):125-34, jan./jun. 1985.
4. CATÁLOGO de bases de dados no Brasil. Info, Rio de Janeiro, 3(33):31-51, out. 1985.
5. COMO chegar já às grandes metas nacionais, via Embratel. Isto É, São Paulo, (425): 28-9, 13 fev. 1985.
6. COSTA, Maria da Conceição. Administração pública: denúncias e reivindicações por telefone. Dados e Idéias, São Paulo, 11(96):64-5, maio 1986.
7. DIRECTORY OF ONLINE DATABASES. New York, Cuadra/Elsevier, 1985.
8. FERRAZ, Terezine Arantes et alii. A geração das bases de dados do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares: problemas e perspectivas. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, 13(1): 103-14, jan./jun. 1985.
9. HECHT, Jeff. What you can get online. Computers and Electronics, Los Angeles, 23(2):47-53, Feb. 1985.
10. HERDA, D.J. The big four: database services available in the U.S. Computers and Electronics, Los Angeles, 23(2):51, Feb. 1985.

11. MCCARTHY, Cavan Michael. Bases de dados: vantagens, desvantagens e perspectivas latino-americanas. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1, Salvador, 1980. Anais... Salvador, 1980. p.593-618.
12. 1985 online information index. Guardian, London, 23 jan. 1986, p. 15.
13. NOTICIÁRIO MICROGRÁFICO: a revista do profissional de gerenciamento da informação e microfilmagem. São Paulo, 1985.
14. PION, Margarida. Política de base de dados brasileiros. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, 13(2):279-83, jul./dez. 1985.
15. VIA interdata, mais de 500 bases de dados estrangeiras. Info, Rio de Janeiro, 3(33):55, out. 1985.